

EDITORIAL

Neste número da *Revista Paranaense de Desenvolvimento* (RPD) apresenta-se a segunda parte do **Dossiê Planejamento e Gestão Urbana e Regional**, organizado pela pesquisadora do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) Rosa Moura, geógrafa, doutora em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e membro do Observatório das Metrôpoles, projeto “Território, coesão social e governança democrática”, INCT/CNPq.

Esse dossiê reúne artigos diversos que têm a temática como objeto de análise, organizados em dois conjuntos, publicados consecutivamente nos números 119 e 120 da RPD. O primeiro número privilegia artigos que abordam a avaliação de experiências de planejamento e gestão urbana e regional, praticadas nas mais variadas unidades da federação; o segundo aproxima artigos que postulam uma reflexão a respeito das limitações e possibilidades do planejamento e gestão urbana, metropolitana e para o desenvolvimento regional, realçando abordagens teóricas, conceituais, análises de processos e condicionantes à produção do espaço urbano e posicionamentos críticos sobre o estado atual do planejamento e da gestão urbana e regional. Em ambos, encontra-se uma inequívoca contribuição para que se aprofunde o conhecimento sobre as dinâmicas urbanas e regionais contemporâneas e sua inserção nas práticas de planejamento e gestão no País, assim como subsídios importantes à formulação de políticas públicas condizentes a essas dinâmicas.

Este número da RPD inicia com uma mensagem ao mesmo tempo crítica e otimista de Carlos Brandão, que, com o artigo “A Busca da Utopia do Planejamento Regional”, conclusivamente observa que: “O planejamento regional no contexto atual parece ser considerado uma utopia, mas sempre se deve buscar utopias”. Uma leitura também crítica sobre o planejamento regional catarinense é realizada por Ivo M. Theis, Luciana Butzke, Iara L. K. Rischbieter, Mariana C. Linder e Diego B. Vargas no artigo “O cavalo de Troia e sua barriga verde: planejamento regional e desigualdades socioespaciais em Santa Catarina”.

Acentuando o tom crítico, Víctor Ramiro Fernández e María Belén Alfaro discorrem sobre formulações teóricas acerca das variedades de capitalismo no artigo “*Ideas y políticas del desarrollo regional bajo variedades de capitalismo: contribuciones desde la periferia*”. A partir de um posicionamento latino-americano, diagnosticam e formulam estratégias para a inserção das políticas de desenvolvimento regional no marco de superar as limitações do enfoque praticado nos países centrais, ressaltando as diferentes capacidades da periferia em operar mudanças. Trazendo a reflexão para políticas voltadas

ao território nacional, Mariano de Matos Macedo, no artigo “Gestão do desenvolvimento regional e estratégias de políticas de apoio a arranjos produtivos locais: APLs tradicionais e de nova geração ou sistemas territoriais de produção”, que se refere em particular a políticas de apoio a APLs, contrapõe a predominante visão “administrativa” e/ou “localista” com algumas questões estratégicas, visando a fortalecer uma dimensão territorial e a transformar seu padrão atual.

A temática urbana e metropolitana contemporânea emerge nos artigos seguintes. Carlos de Mattos, no texto *“Santiago, competitividad en la red mundial de ciudades – elementos para un análisis crítico”*, com base em estudos internacionais, tece conclusões significativas sobre o alcance e as limitações das estratégias e políticas de competitividade urbana e questiona sua eficácia na melhoria das condições de vida das cidades em competição. Sandra Lencioni particulariza a macrometrópole paulista em seu artigo “A metamorfose de São Paulo: o anúncio de um novo mundo de aglomerações difusas” e enfoca o papel e a lógica das redes de circulação e das redes imateriais de informação e comunicação na configuração desse imenso território complexo e expandido.

Dedicados às regiões metropolitanas brasileiras, dois artigos analisam a diversificação do fenômeno metropolitano, a complexidade da rede urbana e o conceito de metrópole. Renato Nunes Balbim, Maria Fernanda Becker, Marco Aurelio Costa e Miguel Matteo enfatizam os “Desafios contemporâneos na gestão das regiões metropolitanas”, artigo no qual discutem o avanço do processo de metropolização, a ampliação anacrônica do número de RMs no País, a fragmentação da gestão metropolitana e a relativa ausência dessa questão na agenda política nacional. Entre os desafios contemporâneos, um deles é contemplar com políticas públicas condizentes a concomitância de processos de concentração e dispersão, como observam Luiz César de Queiroz Ribeiro, Érica Tavares da Silva e Juciano Martins Rodrigues em seu artigo “Metrópoles brasileiras: diversificação, concentração e dispersão”, dedicado à análise dessas dimensões, a partir de informações sobre a distribuição, incremento e crescimento populacional, assim como da mobilidade urbana.

No contraponto à concentração dos grandes espaços metropolitanos, Angela Penalva Santos foca em seu artigo “Autonomia municipal no contexto federativo brasileiro” a autonomia política do município, ao se tornar um ente federativo e, a partir da análise das emendas à Constituição que afetaram essa autonomia, particularmente a financeira, mostra que, por um lado, pequenos municípios foram de certa forma beneficiados, mas, por outro, mesmo a cooperação interfederativa ainda não logrou consolidar um pacto federativo.

No âmbito do planejamento urbano, Hoyêdo Nunes Lins discorre, no artigo “Economia da cultura e ambiente urbano: termos do debate e

ensaio de análise sobre Florianópolis”, sobre as relações entre expansão de atividades culturais e a criação de oportunidades de trabalho e geração de renda em cidades, com revitalização de ambientes urbanos. Sem demonstrar otimismo, Alberto de Oliveira discute “A economia dos megaeventos: impactos setoriais e regionais”, concluindo que esta estratégia, posta como adequada ao desenvolvimento econômico, não está baseada em sólida base teórica, mas na reprodução de modelos de países centrais, que desconsideram seus riscos, principalmente nos países subdesenvolvidos.

Duas visões internacionais sobre o urbano brasileiro aparecem nos artigos seguintes. No primeiro, “A (in)sustentabilidade do desenvolvimento urbano nos Estados Unidos: o que as cidades brasileiras podem aprender com as americanas?”, Joseli Macedo, também com postura crítica à reprodução de modelos, mostra que a trajetória e os resultados do desenvolvimento urbano dessas cidades vêm impondo desafios para reverter uma tendência de insustentabilidade. Renata Parente Paula Pessoa, no artigo “Em busca de uma definição de policentrismo urbano para as metrópoles brasileiras”, com base, fundamentalmente, na literatura internacional e em casos europeus, propõe uma tipologia para as áreas urbanas brasileiras, dada a quantidade de estruturas policêntricas emergentes em diferentes regiões do Brasil, e aponta que um futuro desenvolvimento policêntrico exigirá estratégias de gestão compatíveis a essas especificidades urbanas.

O IPARDES espera que, com a contribuição dos artigos que compõem este número, se possa ampliar o debate, dar centralidade e inserir com maior ênfase a temática Planejamento e Gestão Urbana e Regional na agenda de pesquisadores, formuladores de políticas e gestores públicos.

Desejamos a todos uma ótima leitura e convidamos a que consultem o número anterior da *Revista*, no qual se encontra a primeira parte do Dossiê *Planejamento e Gestão Urbana e Regional*.

Dr^a Rosa Moura

Organizadora do Dossiê Planejamento e Gestão Urbana e Regional

Prof^a Dr^a Silmara Cimbalista

Editora da Revista Paranaense de Desenvolvimento - RPD